

MITOLOGIA HINDU, SÍMBOLOS E CASAIS ARQUETÍPICOS

HINDU MYTHOLOGY, SYMBOLS AND ARCHETYPICAL COUPLES

Beatriz Labonia¹

Resumo

Este trabalho teve como objetivo apresentar os deuses da mitologia hindu, analisá-los sob a perspectiva da psicologia analítica utilizando os conceitos: inconsciente coletivo, arquétipo e símbolo. A trimurti, deuses simbólicos do panteão hindu são: Brahma (o criador do universo), Vishnu (o provedor do universo) e Shiva (o transformador do universo). Suas consortes são Saraswati (deusa do conhecimento), Lakshmi (deusa da prosperidade) e Parvati (Deusa mãe).

Palavras chave: Mitologia hindu, símbolo, arquétipo, inconsciente coletivo

Abstract

This work aimed to present the gods of Hindu mythology, analyzing them from the perspective of analytical psychology using the concepts: collective unconscious, archetype and symbol. A trimurti, symbolic gods of the Hindu pantheon are: Brahma (the creator of the universe), Vishnu (the provider of the universe) and Shiva (the transformer of the universe). Their consorts are Saraswati (goddess of knowledge), Lakshmi (goddess of prosperity) and Parvati (Mother Goddess).

Key words: Hindu mythology, symbol, archetype, collective unconscious

1 Psicóloga clínica, pós graduanda em Psicoterapia Analítica e Abordagem Corporal pelo Instituto Sedes Sapientiae e professora de yoga com formação pela *Sivanandayoga Divine Life Society India*. E-mail: beatrizlabonia@uol.com.br



Introdução

A cultura indiana é repleta de imagens divinas. De acordo com Feuerstein (2006), os teólogos da mitologia hindu descrevem trinta e três deuses importantes. *Trimurti* é a tríade das principais formas da manifestação do divino, representando Brahma, o criador; Vishnu, o provedor; e Shiva, o destruidor e transformador. É interessante notar que essas três divindades têm as suas consortes, reverenciadas como deusas que são, com seus atributos e ocupando o mesmo espaço de seus pares no panteão do hinduísmo.

Na visão hinduísta não é possível aproximar-se do divino como essência luz ou poder maior sem uma imagem, uma forma. *Isvara* é a imagem de uma divindade que faz esta aproximação entre o *jiva* (eu individual) e o *atma* (o eu superior, *self*, que também está dentro de si). As divindades são simbólicas e representam arquétipos que possibilitam essa relação com o divino.

Mitologia Hindu e Simbolismos

Shiva e Sati

Shiva, como agente da transformação, é visto como deus da potência, da força, da coragem. Shiva também manifesta sua sombra porque tem comportamentos conflitantes: ora se apresenta bondoso, amistoso e até protetor, ora temperamental e furioso, capaz de fulminar seu oponente, como se observa em diversas lendas. Assim, como no movimento da vida, algo precisa ser destruído para o novo surgir. Shiva é aquele que transforma, o que estabelece a ordem, o que disciplina, o que organiza, mas que, ao mesmo tempo, é temido e também respeitado. Isto o caracteriza como uma das faces do arquétipo paterno que se apresenta para que o filho cresça.

O primeiro casamento de Shiva: Shiva e Sati

Daksha, o guardião da civilização, pai de Sati, não gostava de Shiva, pois este era um eremita. Porém Sati se apaixonou por Shiva e casou-se com ele. Um dia, Daksha resolveu realizar um ritual e todos foram convidados, exceto Shiva e Sati. Porém, Sati compareceu à cerimônia. Quando lá chegou junto ao fogo sagrado, estavam sábios, deuses, deusas, mas ninguém se levantou para cumprimentá-la; até o seu pai não se mostrou feliz por vê-la. De repente, tudo se tornou claro: Sati percebeu que o sacrifício era um elaborado ritual com o objetivo de denegrir a imagem de Shiva. A humilhação foi tão grande que



a morte lhe pareceu a melhor alternativa. Sati lançou-se à fogueira e morreu. Quando Shiva soube do ocorrido, ficou furioso e arrancou um fio de seu cabelo e o lançou no chão. Surge do solo um poderoso e invencível guerreiro, Virabhadra, que vem ao mundo para servir fielmente Shiva. Virabhadra lidera o exercito de Shiva, vai à reunião de Daksha; destrói o ritual, afugenta todos os deuses e sacerdotes e decapita Daksha. Shiva fica desolado com a morte de Sati. Ele experenciou a angústia da separação, da solidão e isolou-se nas cavernas geladas dos Himalaias, onde permaneceu por muitos anos meditando solitariamente (CASTRO, 1999).

O segundo casamento de Shiva: Shiva e Parvati

Nos Himalaias, havia um rei, Himavat, casado com a rainha Mena, mãe da belíssima Parvati, a filha das montanhas. Segundo um profeta, Parvati era Sati reencarnada e estava decidida a reconquistar o seu amado. Cresceu num ambiente de religiosidade, foi ao encontro de Shiva, passou a acompanhá-lo nas meditações e a servi-lo. Porém, Shiva ignorava Parvati e continuava meditando. No plano celestial, os deuses estavam ficando preocupados porque Shiva, ao meditar, retirava tanta energia do mundo espiritual que já havia sinais de escassez. Então, os deuses enviam Kama Deva (deus do amor) para encantar Shiva por Parvati. No momento em que Parvati colocava uma guirlanda de flores em seu pescoço, Shiva a olha e se apaixona. Mas ele vê que ao seu lado estava Kama Deva e fica furioso porque percebe que havia sido vitima de uma trama dos deuses. Shiva, com um olhar, fulmina Kama Deva. Rati, a esposa de Kama Deva, fica desesperada, mas os deuses lhe avisam que no dia do casamento entre Shiva e Parvati, Kama Deva renasceria. Parvati se sente humilhada pelo comportamento de Shiva e se retira numa gruta, onde passou a meditar e a orar, apesar de ainda amar Shiva. Anos se passaram. Um dia, um asceta vai visitá-la e a questiona sobre o seu esforço, sua renúncia, criticando a aparência de Shiva e tentando convencê-la a voltar para a casa do pai. Parvati fica indignada, defende Shiva e expulsa o asceta da caverna. O eremita se revela como sendo o próprio Shiva que se impressiona pela força, lealdade e devoção de Parvati. Ele a pede em casamento e no dia da cerimonia Kama Deva ressuscita (CASTRO, 1999).

Shiva, deus da morte e do renascimento

Lenda: As divindades se reúnem próximas ao mar, amarram a cauda de uma enorme serpente na montanha e, na outra parte de seu corpo, seguram firmemente, agitando o oceano. Das espumas do mar, surgem grandes presentes para a humanidade, mas a serpente libera um terrível veneno que começa a destruir tudo a sua volta. As divindades recorrem a Shiva, que suga o veneno, salvando o planeta. Shiva não morre por ser um deus dos mais poderosos, mas sua pele torna-se azul.



Shiva e seus símbolos

A serpente, segundo Jung (2008), é o símbolo da transcendência nas tradições sagradas. Está relacionada a períodos de transição na vida humana. Lembrando que as cobras, periodicamente, trocam de pele (fenômeno de ecdise), vemos a propriedade dessa associação. Além disso, por ser uma criatura do mundo subterrâneo, faz um papel de mediação entre os mundos, entre modos de vida diferentes. A transcendência é o processo em que o homem sai da condição de imaturidade, que impossibilitaria a sua ascensão para um estágio superior, mais evoluído. Portanto, a serpente, como símbolo da transcendência, refere-se à libertação de uma condição restritiva. Por outro lado, numa fase mais madura, nem sempre é necessária a total ruptura com símbolos que signifiquem contenção. Porém, uma certa insatisfação pode conduzir o sujeito a uma reflexão sobre a forma de viver e fazê-lo buscar novas experiências (JUNG, 2008, p.198).

Pode-se notá-la no símbolo terapêutico de Esculápio (deus romano da medicina, e símbolo da profissão médica). A serpente, enrolada no bastão do deus da medicina representa, assim, uma mediação entre a terra e o céu.

Na tradição do yoga, a serpente simboliza uma energia condensada na base da coluna (*kundalini*). Quando esta energia é ativada, ascende pelos *chakras*, promovendo um estado de consciência expandida. Para Jung (1996), seria o processo de individuação. Segundo ele, os *chakras* não são apenas centros de energia ligados a determinadas partes do corpo, mas, também, estados de consciência.

Shiva se apresenta como um herói salvador. Tem o rio Ganges na cabeça, representando purificação; veste uma pele de tigre mostrando o seu poder; acompanha-se de um touro que revela a energia sexual sob o seu domínio; toca um tambor que marca o ritmo da criação; se apresenta com a mão erguida e a palma voltada para fora – *abhaya mudra*, conhecido como o gesto da bênção – afastando o medo e a escuridão; segura um tridente que simboliza sua ascendência sobre os impulsos dos instintos e o domínio sobre os *gunas*: *sattva*, *tamas* e *rajas*. Os *gunas* são forças primordiais que estão por trás da evolução cósmica. Tudo no universo é composto pelos *gunas*. Os *gunas* se apresentam na natureza humana compondo a mente (características dos pensamentos), o corpo físico e as emoções. *Sattva* caracteriza o equilíbrio, a pureza. *Rajas*, a ação e a energia, movimento. *Tamas*, a inércia, a densidade. De acordo com Johari (2006), quando um indivíduo compreende os três *gunas* e a ação deles dentro de si, pode assumir a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento.

Na imagem de Ardhanarishvara, segundo Pannu (2000), é possível observar Shiva e Parvati. *Ardha* significa metade; *Ishvara* “senhor”, uma espécie de governante; *Ishvara* se refere a várias divindades hindus. Em sânscrito, “Nar” com a terminação em “i” significa mulher e com a terminação em “a” significa homem. Deste modo, Ardhanarishvara é



“o Senhor que é metade mulher”. Na iconografia de Ardhanarishvara, o lado esquerdo representa a Deusa Parvati e o direito, Shiva.

Jung (2008) descreve a imagem metade homem e metade mulher representando uma dualidade interior por meio de uma figura hermafrodita: a *anima*, como o elemento feminino e o *animus* como o elemento masculino. *Anima* ou *animus* personificam padrões humanos gerais, instintivos e inconscientes num primeiro momento. Portanto, no caminho da individuação, é fundamental conhecer o seu outro aspecto, o que ele traz de informação para o indivíduo, o que ele sente, o que ele diz e pensa. *Anima* e *animus* promovem um chamado à autorrealização, construindo uma ponte entre o ego e o self. Na imagem do casal Shiva e Parvati, Jung descreve o casal da realeza como símbolo da totalidade psíquica, da união de opostos, de *anima* e *animus*. Para Jung, o self não é apenas o ponto central, mas toda a circunferência que engloba o consciente e o inconsciente. Ele é o centro da totalidade e, ao mesmo tempo, todos os sistemas que orbitam a sua volta.

Parvati e seus símbolos

De acordo com Pannu (2000), Parvati é a consorte de Shiva. Tem diversas manifestações, como Durga, Gauri, Kali entre outras, e possui vários aspectos, assim como seu amado, Shiva. Parvati é a esposa enamorada por Shiva e tem dois filhos com ele: Ganesha e Kartikeya. É cultuada como a mãe terra, a filha da montanha, a natureza e a maternidade; é amorosa e generosa. Apresenta-se com um sári rosa, simbolizando o amor. Segura uma flor de lótus que representa a emancipação espiritual e a devoção. Nas imagens de Parvati, ela aparece ao lado de seus dois filhos, caracterizando o arquétipo materno. Por isso é conhecida como a Deusa-mãe. A imagem de Shiva e Parvati juntos simboliza o casal ideal, que se completa perfeitamente, existindo entre eles uma singular harmonia. Os contos descrevem que, por meio das sagradas conversas entre Shiva e Parvati, foram revelados os segredos dos “Vedas”.

As imagens das divindades, na mitologia hindu, estão enraizadas no inconsciente coletivo, pois são representações que, há milênios, acompanham esse povo.

Vishnu e Lakshmi

Vishnu é considerado o mantenedor, o provedor do universo. Segundo Pannu (2000), quando o mundo está sob a ameaça de alguma força do mal, é Vishnu quem surge. A imagem de Vishnu, como elemento da *trimurti*, o grande provedor, ilustra a forma como o indivíduo se relaciona com esta face do divino como aquele que vem em seu socorro, aquele que traz a solução, que aponta o caminho; um símbolo do arquétipo paterno. É possível observar uma relação filial do homem com Deus-pai, um pai amoroso; uma



Jung & Corpo - nº 19

relação próxima e íntima como, por exemplo, nas formas de avatares em que Vishnu se manifesta como:

Matsya: um enorme peixe que sustentou um grande barco contendo todos os animais e livros, salvando o mundo de uma inundação;

Kurma: uma tartaruga gigante que sustenta o Monte Meru para que os deuses possam agitar o oceano e produzir o néctar da imortalidade;

Vraha: um javali que nasceu para salvar a deusa terra sequestrada por um demônio, cavando até encontrá-la;

Narasimha: metade homem metade leão, luta com um demônio que não poderia ser destruído nem por um homem, nem por um animal;

Vamana: um anão. Bali era um demônio esperto que havia usurpado o lugar dos deuses. Vamana pede a Bali que lhe dê um pequeno espaço de terra, espaço esse que seria medido por dois de seus passos. Feito o acordo, Vamana transforma-se em um gigante maior que a terra e empurra Bali para o centro dela;

Parshurama: poderoso guerreiro que luta contra o tirano Karthavirya;

Rama: (modelo de homem, marido e rei) que salva sua amada Sita, raptada pelo demônio Ravana. Rama, depois de cortar várias vezes a cabeça do demônio que constantemente se refazia, o aniquila com uma lança no plexo solar (como descrito no épico “Ramayana”);

Krishna: Deus-homem, que ajudou o guerreiro Arjuna em sua luta, na guerra do Mahabharata (como consta no épico “Mahabharata”, nos versos que compõem o “Bhagavad Gita”);

Budha: príncipe renunciante que trouxe o conhecimento espiritual;

Kalki: um guerreiro cavaleiro que anunciará a Era de Ouro.

Vishnu e seus Símbolos

A imagem de Vishnu mostra a divindade, segurando: uma espécie de concha que emite um som anunciando sua vitória na batalha; um disco que simboliza o intelecto, espírito universal, e arma invencível; uma clava, que simboliza o poder; uma flor de lótus, que simboliza a elevação espiritual. Vishnu aparece flutuando sobre as ondas em cima das costas de um deus serpente, Shesh.



O nascimento de Lakshmi

De acordo com Pannu (2000), as divindades se reuniram, amarraram a cauda de uma enorme serpente na montanha e seguraram seu corpo no mar firmemente. Começaram a agitar o oceano, que se transformou em leite; das espumas do mar surgiram grandes presentes para a humanidade. Um deles foi Lakshmi, que emergiu sentada em uma flor de lótus, com um lindo sári vermelho, usando joias e colares com moedas de ouro como contas. Quando ela apareceu, os deuses ficaram impressionados com sua beleza e cantaram em sua homenagem. Todos os deuses queriam se casar com Lakshmi, mas ela se apaixonou por Vishnu.

Lakshmi e seus símbolos

Pannu (2000) descreve que Lakshmi nasce das espumas de um mar de leite, símbolo da pureza, estando sobre uma flor de lótus, representando a elevação espiritual. Deusa da riqueza, da prosperidade e do amor, porque moedas de ouro são despejadas de suas mãos e, com a palma de uma delas, faz o gesto da bênção. Tem vários braços, mostra de sua força e poder.

Como esposa de Vishnu, essa deusa atende aos que respeitam as leis da natureza e do Dharma (justiça). Sempre companheira, nas encarnações do marido. Numa delas, ele como Rama, ela como Sita, a deusa do conhecimento, se apresentando nesta imagem com os “Vedas” a seus pés.

Um ponto a ser destacado na visão oriental e, especialmente hindu, é o fato de que, além dos deuses terem as suas consortes e estarem apaixonados por elas, a relação do homem com o divino ocorre por meio dos símbolos e os deuses são cultuados através de suas imagens, representando suas formas mitológicas.

De acordo com Jung (2002) “o fenômeno espírito depende da existência de uma imagem primordial autônoma, universalmente dada de modo pré-consciente na disposição da psique humana” (p. 211). Jung observou nos sonhos de seus pacientes que o “espiritual” tinha uma relação com o complexo paterno. Para ele, o arquétipo paterno pode aparecer como a figura do Velho Sábio (visões na meditação, na imaginação ativa) e pode chegar a assumir o papel de um guru, como ocorre na Índia. O autor descreve que o Velho Sábio aparece como médico, sacerdote, catedrático, avô, entre outros. O arquétipo do espírito também pode se apresentar como um gnomo ou um animal, em situações onde seja necessário um plano, uma tomada de decisão, uma intuição, em que a própria pessoa não se encontre em condições de fazê-la. Isto se assemelha às



Jung & Corpo - nº 19

manifestações de Vishnu em suas diferentes formas. Lakshmi aparece junto com Vishnu e, como sua consorte, compartilha dessa condição do arquétipo do pai, protegendo os que respeitam as leis da natureza e do Dharma (justiça). Jung, no mesmo texto, descreve que o complexo paterno positivo para o homem produz uma submissão às normas e valores espirituais. Porém, nas mulheres, além de dar origem a vivas aspirações e interesses espirituais, gera, ainda, um *animus* positivo, como a possibilidade de um empreendimento espiritual consciente.

Brahma e Saraswati

Ramm-Bonwitt (1987) descreve Brahma como a divindade criadora do universo. De sua mente sábia, surgiu Saraswati e Brahma por ela se apaixonou. O olhar feroz de Brahma envergonhou Saraswati, que tentou fugir. Mas fosse qual fosse a direção de sua fuga, para direita, esquerda, para frente ou para trás, Brahma a acompanhava formando, a cada olhar, uma nova cabeça. Na sua última tentativa, Saraswati se eleva ao céu, surgindo então, em Brahma, a quinta cabeça. Com isso, ele se tornou onisciente: seu olhar agora estava em toda parte. Posteriormente, Saraswati se casa com ele.

Brahma - O Onisciente, o criador do universo e seus símbolos

Na visão da filosofia yogue, o som, a vibração, tem um papel importante na formação do universo, sendo um símbolo do conhecimento. Segundo ela, a criação do universo ocorreu com um som, o mantra “Om”. A voz humana também tem um valor especial, porque o conhecimento, a princípio, ocorreu verbalmente de mestre para o discípulo. A união entre Saraswati e Brahma concilia o ato da criação com a sabedoria, pois as fugas de Saraswati fizeram com que o olhar de Brahma se ampliasse de modo a alcançar a onisciência. A imagem de Brahma se apresenta com vários símbolos: a flor de lótus que corresponde à elevação espiritual; as cinco cabeças, a onisciência, o livro, representando o conhecimento. Ainda contém os quatro Vedas (música, mimica, dança, movimento do corpo e as emoções) e, no quinto, Veda, estão a mitologia e a tradição heroica. Brahma tem um cântaro com água purificada e faz o gesto da bênção (*abhaya mudra*).

Saraswati - a deusa do conhecimento

Ramm-Bonwitt (1987) descreve a lenda: Vishnu tinha três esposas: Saraswati, Lakshmi e Ganga. Saraswati e Ganga brigaram por ciúmes e, como deusas poderosas, uma amaldiçoa a outra e acabam se transformando nos rios Ganges e Saraswati. Segundo Bianchini (2012), o rio Saraswati foi extinto devido a alterações geológicas nos últimos três mil anos. Lakshmi fica com Vishnu só para ela. Saraswati tornou-se um rio puro e limpo, onde os árias, primeiro povo a chegar em terra indiana, fizeram seus rituais de



purificação. Com eles trouxeram o conhecimento dos “Vedas”, daí Saraswati também ser reverenciada como a deusa do conhecimento e da purificação da mente.

Saraswati e seus símbolos:

Segundo o mesmo autor, Saraswati usa um sári branco, simbolizando a pureza. Ela tem quatro braços que revelam seu poder e segura um *japamala*, (colar de 108 contas passadas uma a uma através dos dedos, ao final de cada mantra entoado) e uma cítara. Porta, também, um colar de pérolas, elemento que representa sua ligação com a lua e a água, e um livro, simbolizando o conhecimento. Tem um cisne branco ao seu lado, representando a elevação espiritual. Também é conhecida como Vani ou Vac que significa voz, sendo a deusa cultuada pelos músicos, artistas, escritores e cantores.

De acordo com Feuerstein (2006), Brahma é o mais abstrato dos deuses da *trimurti* porque criou o universo. Porém, mesmo nesse papel de criador do universo, é possível considerar que seja bem menos invocado pelo homem do que Vishnu e Shiva, o provedor e o transformador.

Jung (2008) descreve a *anima* como a personificação das tendências psicológicas femininas presentes no homem, como sentimentos, humores, intuições, capacidade de amar. O arquétipo da *anima* é aquele que possibilita ao homem reconhecer seus atributos femininos e expressá-los, por exemplo, através da arte, da literatura, pintura, escultura, música, dança entre outros. Observando simbolicamente a relação de Brahma e Saraswati, esta se apresenta como sua *anima* positiva, a que o inspira, guia e amplia a sua visão. Brahma, como o criador do universo, cheio de desejo, ou seja, repleto de força e poder de criação, canaliza a sua energia ferosa e criativa, sob a orientação de Saraswati. Esta foge em quatro direções (pontos cardeais) e o quinto olhar direcionado para cima simboliza a sublimação do desejo sexual, dando origem ao universo. Saraswati é *anima* inspiradora e guia.

Referências

BIANCHINI, Flávia. **A origem da civilização indiana no vale do Indo-Sarasvati: teorias sobre a invasão ariana e suas críticas recentes.** pp. 57-108, in: GNERRE, Maria Lúcia Abaurre; POSSEBON, Fabrício (orgs.). *Cultura oriental: língua, filosofia e crença.* Vol. 1. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

CASTRO, Vania de. **Lendas indianas o encanto de um povo.** 1ª ed. São Paulo: Madras, 1999. 129p.



Jung & Corpo - nº 19

JANSEN, Eva Rudy, **O livro das imagens hinduístas**. 1ª ed. São Paulo: Totalidade, 1995. 148p.

FEUERSTEIN, Georg. **A tradição do Yoga**. 11ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006. 576p.

JOHARI, Harish. **Dhanwantari: um guia completo para uma visa saudável Segundo a tradição Ayurvédica**. 11ª ed. São Paulo: Pensamento 2006. 256p.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 472p.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 447p.

_____. **O homem e seus símbolos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 429p.

PANNU, Sujan Singh. **Mitos e mistérios da Índia**. 1ª ed. São Paulo: Madras, 2000. 109p

RAMM-BONWITT, Ingrid. **Mudras as mãos como símbolo do Cosmos**. 12ª ed. São Paulo: Pensamento, 1987. 273p.

